



**EDIMARA KRUEK**

**O PODER DO MITO:  
DA MANIPULAÇÃO À LIBERTAÇÃO**

Pitanga - Paraná  
2019

EDIMARA KRUEK

**O PODER DO MITO:  
DA MANIPULAÇÃO À LIBERTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Área das Ciências Humanas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná-UCP, como requisito à obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professor Orientador: Ms. Edson Bellozo

Pitanga  
2019

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Michele Carolina da Silva Martins CRB 9/1838 da Biblioteca Profa. Dirce Doroti Mèrlin Clève da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

M321n (numeração concedida pela Bibliotecária)

IORI JUNIOR, Moacir

Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná / Moacir Iori Junior. – Pitanga, 2016.

107 f.

Orientador: Edson Bellozo

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP, 2019.

1. ABNT. 2. Normas de Trabalho Acadêmico. 3. Trabalho de Conclusão de Curso. I. KRUIPEK, Edimara. II. BELLOZO, Edson. III. Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP. IV. Título.

CDD 001.42

## TERMO DE APROVAÇÃO

**EDIMARA KRUEK**  
“O PODER DO MITO: DA MANIPULAÇÃO À LIBERTAÇÃO”

Trabalho de Curso aprovado com nota \_\_\_\_\_ como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador (Presidente): Ms. **Edson Bellozo**  
Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade UCP

Membro: Ms. **Helena Oliveira de Andrade**  
Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade UCP

Membro: **Graziele Potoski**  
Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade UCP

Pitanga, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Dedico este trabalho à minha filha Ashley Mikaela e ao meu pai Eduardo Krupek, que são as pessoas mais importantes da minha vida.

## **AGRADECIMENTO(S)**

Agradeço primeiramente a todos os professores que passaram pela minha vida e me trouxeram o gosto por ensinar e aprender, que proporcionaram que eu chegasse até aqui. A professora Vera Müller (in memoriam), minha primeira professora, que teve tanta paciência comigo, segurou na minha mão para me ensinar a escrever meu nome e me é um exemplo até hoje. A professora Thaís Egler, que no curso de Formação de Docentes não deixou com que eu desistisse, mesmo passando muitas dificuldades por conta da minha gravidez. Agradeço a professora Helena andrade, que tanto contribuiu para minha formação, pelo seu olhar perante a educação tão reflexivo e esperançoso, por toda a ajuda dada e paciência em todos os momentos. Agradeço a professora Elma Kovalin, por ser nossa “mãe” em vários momentos, com conselhos e puxões de orelha carinhosos. Agradeço a professora Angelica Scariot, por seu interesse em sempre melhorar nosso curso. Agradeço ao professor Valdir Guimarães, por seus conselhos e encorajamento nos momentos de dúvidas. Agradeço enfim, a todos os professores que contribuíram para que este momento feliz acontecesse.

Aos colegas, que me fizeram passar momentos felizes dentro da faculdade, por nossas cantorias na hora do intervalo, nossas tantas reclamações e momentos de reflexão.

A minha família, que esteve ao meu lado em cada momento, bom ou ruim. A minha filha, Ashley Mikaela que é a minha base, por toda a sua paciência e compreensão nos momentos de ausência. Ao meu pai Eduardo Krupek, que é minha força e meu escudo e tanto se sacrificou para que esse momento chegasse, a minha mãe Maria Cristina Padilha, que me auxiliou cuidando carinhosamente da minha filha nos momentos que não pude estar perto. Ao meu irmão Lucas Krupek, por estar seguindo o caminho da educação e me trazendo alegrias.

Gostaria de agradecer também algumas pessoas que contribuíram para que isso acontecesse: as diretoras da escola que trabalho, Deni Alves Bertão Eggert e Celsi Fatima Orlandini Manica, por sua compreensão e apoio em cada momento. Agradeço aos demais colegas de trabalho por todo o seu carinho e compreensão e principalmente aos alunos, que me ensinam muito mais do que eu a eles, que me fazem professora e são o real sentido de se pensar a educação.

“A educação é a liberdade.”  
Paulo Freire

KRUPEK, Edimara. BELLOZO, Edson. **O poder do mito: Da manipulação a libertação.** 2019. 61 p. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, Pitanga, 2019.

## RESUMO

As histórias de contos de fadas e outras construções simbólicas sempre mexeram com o imaginário das pessoas ao longo dos tempos. As fantasias e as construções místicas tiveram e têm ainda nos dias de hoje, um importante papel no que no cotidiano das pessoas e no simbolismo que muitas vezes explica nossas vidas. Se na antiguidade tínhamos os contos de fadas e outras construções fantasiosas, a partir de um certo momento na história tivemos as construções românticas e, por fim, desde meados do último século, ganhou importante destaque as telenovelas, cuja influência tem se dado tanto no campo cultural, como comercial e até mesmo político, pois trata-se, muitas vezes, de uma construção ideológica para atender a um ideal de sociedade ou valores de uma dada cultura. Têm servido para entreter, mas também para criar conformação e moldar a opinião política de seus espectadores. No presente trabalho pretende-se fazer um estudo das histórias fantasiosas como um todo, sobressaindo-se a telenovela Roque Santeiro. Seu principal objetivo é entender as consequências destas histórias na sociedade contemporânea, sendo este o principal objetivo e também a base para a problemática. Buscar-se-á estudar ainda o modo como se dá a manipulação exercida por estes meios de comunicação, bem como sua amplitude de atuação, seja ela voltada a libertação ou alienação do grande público. O trabalho tem por objetivos específicos estudar os contos de fadas e histórias fantasiosas ao longo dos tempos, investigar os interesses existentes na telenovela Roque Santeiro e entender como se formam os mitos reais existentes na atualidade. A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho bibliográfico, onde utilizou-se autores como Nelly Novaes Coelho, Walter Benjamin e Castells, além de utilizar-se de vários elementos da telenovela Roque Santeiro, como por exemplo imagens que ilustram situações pertinentes ao mesmo, tratando-se de uma fonte histórico-cultural de recursos audiovisuais. A pesquisa ocorre de forma bibliográfica e fílmica, em artigos, livros e periódicos que tratam de temas como: cultura de massa, comunicação visual e entretenimento, assim como se precede a própria análise dos capítulos da telenovela, apresentada entre os anos de 1985 e 1986 pela Rede Globo de Televisão.

**Palavras-chave:** Histórias fantasiosas. Mito. Roque Santeiro. Formação do indivíduo.



KRUPEK, Edimara. BELLOZO, Edson. **The power of myth: From manipulation to liberation.** 2019. 61 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Parana, Pitanga, 2019.

## ABSTRACT

Fairytale stories and other symbolic stories have always messed with people's minds over the ages. The fantasy and the mystical stories have had and still have an important role in people's daily life and in the symbolism that often explains our lives. If in ancient times we had fairytales and other fantasy stories, from a certain point in history we had romantic stories and, finally, since the middle of the last century, the soap operas have gained prominence and it has influenced cultural, commercial and, even, political fields since it is often an ideological consistency to meet an ideal society or values of a given culture. The soap operas have been important to entertain, but also to create conformation and shape the political opinion of their viewers. The present study intends to investigate the fantasy stories as a whole, highlighting the Roque Santeiro soap opera. Its main objective is to understand the consequences of these stories in contemporary society and it is also the basis of the problem. It will also be studied the way the manipulation is practiced by these media, as well as its range of action, geared toward liberation or alienation of the general public. The study aims to study fairy tales and fantasy stories throughout the ages, to investigate the existing interests in the Roque Santeiro soap opera and to understand how the existent real myths are created nowadays. The methodology used in this study is bibliographic, where it is was used authors such as Nelly Novaes Coelho, Walter Benjamin and Castells, besides that, it was used several elements from the Roque Santeiro soap opera, such as images that illustrate situations regarding to it, which is a historical-cultural source of audiovisual resources. Therefore, the research occurs in bibliographic and filmic way using articles, books and periodicals that present themes such as mass culture, visual communication and entertainment, as well as the analysis of the soap opera chapters, presented between 1985 and 1986 by Globo Television Network.

**Keywords:** Fantasy Stories. Myth. Roque Santeiro. Formation of the individual.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Jiló na barraca de beijos com Rosali .....	32
Quadro 2 – Fiéis se lambuzando com a lama do rio da morte de Roque Santeiro....	35
Quadro 3 - A loja de Zé das Medalhas.....	38
Quadro 4 - Frase referente a ditadura na telenovela Roque Santeiro.....	39
Quadro 5 - Conversa entre professor Astromar e Roque Santeiro.....	40
Quadro 6 - Roberto Matias conversa com Roque na boate.....	41

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas



## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 PROBLEMA .....	17
1.2 JUSTIFICATIVA .....	17
1.3 OBJETIVOS .....	19
1.3.1 Objetivo Geral .....	19
1.3.2 Objetivos Específicos .....	19
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>21</b>
2.1 ROQUE SANTEIRO, UMA BREVE ANÁLISE .....	30
2.1.1 A manipulação dos mitos e suas consequências .....	41
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>44</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	44
3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS .....	44
3.2.1 Instrumentos .....	45
3.2.2 Procedimentos .....	45
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>46</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	<b>61</b>
<b>ANEXO A</b> .....	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na maioria das vezes, para talvez não dizer todo o tempo, não paramos para refletir em muitas coisas que nos rodeiam, como por exemplo o que é exatamente original e o que é construído e como essas coisas foram construídas. Sabendo disso, ao longo dos tempos, muitas coisas que a nós são oferecidas passam a ser parte do nosso cotidiano, tornam-se gostos, como se fossem naturais e sempre estivessem ali, como, por exemplo, quando vemos a nossa atriz preferida com uma blusa “bonita” e desejamos ter uma igual sem sequer notar que aquele gosto foi construído socialmente, de forma quase imperceptível. Não nos damos conta que as nossas escolhas são fruto de uma construção que acontece desde o nosso nascimento.

A indústria do entretenimento visa muito mais que entreter as donas de casa com uma novela romântica ou, a filha adolescente com uma série jovem. Enredos inocentes trazem consigo duas poderosas funções: manipular aqueles que a assistem para a vendagem das marcas que lhe sejam de interesse, passar mensagens nas entrelinhas e deixar a pessoa entretida, para que não reflita o mundo segundo uma visão mais imparcial. Somos envenenados e não podemos fugir de um envenenamento diário.

Se esta é a proposta implícita da mídia televisiva brasileira de maneira geral, não é diferente a proposta de outras histórias, nascidas para entreter a massa, passados de boca em boca para embutirem e estamparem uma determinada moral nas pessoas.

Conhecer a trajetória das histórias, de histórias aterrorizantes à adocicadas, permite entender também as mudanças ocorridas na sociedade. No início era de grande valia que os Contos de fadas, por exemplo, transmitissem alguma moral determinada, não importando seu teor aterrorizante. Com o passar do tempo, muitos juízos morais já afixados por meio das histórias eram necessários para preencher o pouco tempo livre existente na massa populacional e aliviar as agruras da miséria, de maneira com que as pessoas pouco pudessem refletir. Neste momento, ocorre uma amenização das histórias, onde se criam os ideais de homem com os príncipes e a ideia de que tudo sempre acaba bem no final, com o “foram felizes para sempre”. Apesar de serem bastante conhecidos, sobretudo em sua forma mais amenizada, os

Contos de Fadas são vistos sempre como um entretenimento que busca distrair por meio da ilusão, ao invés de mostrar a verdadeira face da vida.

Analisar os ideais destas distintas formas de representação é o pilar do trabalho apresentado, utilizando como objeto de análise principal a telenovela Roque Santeiro e em segundo plano, os mitos e histórias como um todo. Tanto em uma como em outro, percebem-se certas características semelhantes, como a forma fantasiosa e o nascimento surreal de um mito. Nos contos de fadas, por exemplo, as princesas e príncipes, bons, sem máculas; em Roque Santeiro o seu protagonista, santo, milagroso.

Vale a pena ainda ressaltar, que apesar de semelhantes em vários âmbitos, são também distintas em outros, mesmo porque, possuem intenções diferentes: o primeiro além de entreter, busca também construir uma nova imagem de rei e monarquia, na qual a plebe saudasse com orgulho seus superiores ou trazer a imagem de perfeição idealizada; a segunda, é demonstrar por meio de um conto moderno, a existência de dois mundos, o conservador, voltado para a população abastada de bens materiais e, o voltado para políticas sociais, em que o olhar é completamente outro, possuindo assim grande teor político. Também é válido mencionar em ambas as narrativas, as marcações de poder e os jogos de interesses existentes.

Ao unir estas ideias, buscou-se olhar para suas entrelinhas, procurando as mensagens em segundo plano, a manipulação exercida no meio social, atual e anteriormente, para que se possa entender os motivos de uma alienação ou um abrir de olhos em um ou outro tempo.

## 1.1 PROBLEMA

Qual a verdadeira intenção dos mitos e da telenovela Roque Santeiro como meio de entretenimento e quais as consequências de tudo isso para a formação do indivíduo?

## 1.2 JUSTIFICATIVA

As histórias sempre fizeram parte da sociedade como produção e fonte de cultura, lazer ou com papel pedagógico para que possam ser ensinadas algumas lições a quem a ouve, mexendo com o imaginário popular.

Fruto destas histórias e de uma oportunidade de lucrar com elas, muito tempo mais tarde, nasce na mídia diversas formas de mostrá-las cada vez mais para um número maior de pessoas. Em uma conta fácil: quanto mais expectadores de um determinado programa, maior a possibilidade de anunciantes para o mesmo, maior a exposição de uma marca e, portanto, mais lucro para a marca vinculada como para a emissora do programa. Segundo Galhardi e Minayo (2018), ainda que tenham surgido muitas formas novas de tecnologia, a televisão ainda é o meio mais consumido por jovens, por exemplo. Então, pensar a importância dessa mídia televisiva para a formação do indivíduo é algo bastante pertinente.

Quando se pensa na mídia televisiva, esbarra-se com um tipo de programa específico e altamente popular: as telenovelas. Geralmente são percebidas como inofensivas, ou até mesmo simplórias, mas geralmente são dotadas de mensagens explícitas ou implícitas de caráter político ideológico, cultural, de um mundo fantasioso, onde o bem sempre vence o mal e todos acabam felizes para sempre. Qualquer semelhança com as histórias fantasiosas não é mera coincidência, pois um comparativo destas duas facetas do entretenimento ditas como inocentes é extremamente plausível.

Entender o surgimento dos Contos de Fadas, ficções fantasiosas e mitos faz com que se possam perceber as suas raízes, as suas intenções e, o mais importante, as suas consequências para a sociedade atual, sendo elas boas ou ruins.

Não refletir sobre as consequências destas histórias pode ser algo bastante negativo para a educação, ao passo que as informações e pensamentos passados por elas podem ser simplesmente incorporados a uma forma de ver a vida prejudicial a uma sociedade que busca por seus direitos e questiona o que acontece ao seu redor.

A falta de reflexão sobre o que acontece ao redor, leva o sujeito a acreditar facilmente no que lhe é “vendido”, ou seja, o aliena da realidade, tornando-o passivo e ingênuo. Juntamente com esta ingenuidade, aproxima-se problemas sérios como o consumismo exacerbado, a inversão da realidade, um comodismo na luta por direitos, falta de noção sobre os deveres e um olhar pouco produtivo sobre o que



acontece com as relações de poder existentes. Relações de poder estas, que serão explanadas com base no fantasioso mundo das histórias e mitos, além da telenovela Roque Santeiro, na qual há riqueza de elementos para serem explorados.

Discutir as consequências, em momentos anteriores ou atualmente, que essas histórias fantásticas e principalmente, a falta de reflexão sobre elas, exerceram ou exercem sobre a vida das pessoas, é sem dúvidas o primeiro passo para que esta mesma reflexão ocorra.

Ainda mais além à questão das histórias encontra-se a formação de mitos reais, que trazem consigo a marca de ser exatamente o que se espera e dizer exatamente o que se quer ouvir. Pode-se citar como exemplo, artistas e políticos.

O meio acadêmico é, com toda certeza, um lugar favorável à semente do pensamento crítico e este estudo é um ponto inicial propício para que esta criticidade se torne real. Trata-se do início de uma semente maior, na qual a educação como um todo deve criar meios para que a semente da reflexão possa germinar e dar frutos, formando uma sociedade mais racional, que saiba ver muito além dos olhos.

Ao refletir a indução proposta pelas histórias fantasiosas e as telenovelas, cada uma a seu tempo, nasce a oportunidade também de perceber até que ponto esta manipulação existente é boa ou ruim e assim perceber a existência de poderes e micro poderes com interesses subentendidos.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Estudar as reais funções dos mitos, com base na telenovela Roque Santeiro, pensando a sua consequência direta na sociedade e na formação do indivíduo como sujeito crítico;

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do trabalho são:

- a) Identificar algumas mudanças ocorridas nas histórias fantasiosas ao longo do tempo;

- b) Investigar os interesses e as mensagens secundárias existentes na telenovela Roque Santeiro;
- c) Buscar entender as razões que levam a criação de mitos reais, ainda nos dias atuais;

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para que se possa compreender as histórias fantasiosas e os contos de fadas do modo como se propõe neste trabalho, é necessário em um primeiro momento obter uma breve definição de seu conceito. São histórias dotadas de seres fantásticos, de magia (onde uma abóbora pode virar carruagem por exemplo), nas quais, o bem sempre vence o mal. Não precisam necessariamente possuírem fadas em seu enredo, como destaca Coelho (1991, p. 90). Possuem também frases características, como “era uma vez” e “foram felizes para sempre”.

Talvez, o primeiro preceito que trazia essa utopia do bem que sempre vence o mal, da luz que sempre vence as trevas, seja o maniqueísmo<sup>1</sup>. Nesta doutrina filosófica a vida em todos os seus pontos é binária, ou seja, existe um lado bom e um ruim, sendo sempre um contrário ao outro, como o bem e o mal ou a luz e as trevas.

Mesmo que esta doutrina<sup>2</sup> não tenha nascido para tal fim, ela é altamente comercializável, ao passo que é desejo do ser humano que tudo sempre acabe bem e o mal se dissipe em um sopro.

Uma das coisas mais temidas pelo homem é a morte. Quando a Igreja se institucionaliza, ela passa a vender a ideia de que a morte (sendo o mal) é vencida pela vida, com a ressurreição de Jesus Cristo, descrita na Bíblia (1980). A religião então, ressalta os ideais maniqueístas.

Mais tarde, as histórias são baseadas nesta ideia do bem e do mal, nesta oposição eterna de luz e trevas. Criam-se para estas histórias, jargões como “viveram felizes para sempre” e é figura estampada as utopias da grande massa, porém com uma boa pitada de moral amedrontadora.

Esta visão fantasiosa e utópica de ver o mundo é descrita em várias obras, são bem anteriores ao desenvolvimento da escrita, pois as pessoas transmitiam umas para as outras histórias que buscavam explicar um fenômeno natural, algum acontecimento em uma mistura de realidade e fantasia, o que se torna evidente com o surgimento do gênero literário mito, que possui semelhanças com o gênero literário conto de fadas, porém não é igual em todos os sentidos.

---

<sup>1</sup> O Maniqueísmo é formado por preceitos de uma filosofia religiosa criada na Pérsia por Mani Maquieu, no século III, que mais tarde foram defendidos por Santo Agostinho. Esta filosofia afirma existir o dualismo de duas ideias opostas, como por exemplo o bem e o mal, a luz e as trevas.

<sup>2</sup> Trata-se de um conjunto de ideias básicas, que são transmitidas a um determinado grupo.

Um mito [...] apresenta seu tema de uma forma majestosa; transmite uma força espiritual; e o divino está presente e é vivenciado na forma de heróis sobre-humanos que fazem solicitações constantes aos simples mortais. Por mais que nós, os mortais, possamos empenhar-nos em ser como estes heróis, permaneceremos sempre e obviamente inferiores a eles. (BETTELHEIM, 1980, p. 34).

Os deuses dos mitos e da cultura grega antiga são seres fantasiosos, porém mais próximos dos seres humanos que os personagens dos Contos de Fadas, por exemplo, pois apesar de sempre serem superiores, eles eram dotados de características humanas, como ira, luxúria e inveja. Isso é exibido pela citação a seguir sobre os deuses Saturno e Júpiter, que eram deuses gregos:

As representações de Saturno não são muito consistentes; de um lado, dizem que seu reino constituiu a idade de ouro da inocência e da pureza, e, de outro, ele é qualificado como um monstro, que devorava os próprios filhos. Júpiter, contudo, escapou a esse destino e, quando cresceu, desposou Prudência (Métis), e esta ministrou um medicamento a Saturno que o fez vomitar seus filhos. Júpiter, juntamente com seus irmãos e irmãs, rebelou-se, então, contra Saturno e seus irmãos, os Titãs, venceu-os e aprisionou alguns deles no Tártaro, impondo outras penalidades aos demais. Atlas foi condenado a sustentar o céu em seus ombros (BULFINCH, Thomas, 2018, p. 11).

Como aponta Bulfinch (2018), os deuses podem ser cheios de maldade, não existindo uma obrigação de que existam dois lados definidos, essa talvez seja a maior e principal diferença do mito com os Contos de Fadas.

Um ponto semelhante entre o mito, os contos de fadas e posteriormente as telenovelas, que deve ser considerado é a existência de mensagens subliminares nas entrelinhas, ou representações simbólicas fortes. Bulfinch (2018, p. 14), menciona a personificação ocorrida com as filhas do deus Júpiter. Cada uma das nove filhas representava um ramo da arte, filosofia, ciência ou literatura da época. Assim acontece também com a simbologia inicialmente criada nos Contos de Fadas, como por exemplo, a cor vermelha, em alusão a menstruação, na história de Chapeuzinho Vermelho.

Bettelheim (1980, p. 34) acredita, que na maior parte das culturas não existe uma divisão que separe o mito do conto folclórico ou de fadas, pois eles eram até misturados entre si pelo seu contador. Pelo fato dos registros do mito serem anteriores aos contos de fadas, pode-se dizer que eles foram a base para a criação das histórias fantásticas e ao mesmo tempo formam implicitamente uma parte delas. Ainda ao refletir sobre o nascimento dos contos, encontra-se Benjamin (1987), que discorre sobre o quão vazias se tornaram as narrativas desde que adormecido o

hábito de transmitir as histórias oralmente, o quanto se empobreceram as narrativas. Segundo o autor, perdeu-se o ar de autoridade ao contar as histórias. Quando deixou-se este hábito, junto as lareiras, em ambiente familiar, deixou-se também de serem transmitidas histórias que pudessem se tornar imortais, que pudessem ser transmitidas por gerações, ainda com um tom atual.

Não se pode deixar de comentar que tanto os mitos como o conto folclórico, ou os contos de fadas nascem na oralidade. É fácil esquecer que as histórias escritas pelos Grimm ou Charles Perrault, não são originalmente deles, afinal estes nomes tornaram-se tão conhecidos que é quase que impensável que estes não sejam os verdadeiros autores, mas sim os coletores e escritores destas histórias. Isto acontece, porque antes de se tornarem literatura escrita, estes contos maravilhosos eram literatura oral: as narrativas medievais arcaicas.

Segundo Coelho (1991, p. 25) foi na Idade Média que a literatura narrativa oral ganhou mais força. A autora define idade média como “o período de mil anos que vai do século V ao XV, isto é, do fim do Império Romano ao Renascimento – início dos Tempos Modernos”. Esta época é descrita como tempo de trevas, pois nela o mundo estaria entregue aos “bárbaros e pagãos”, ainda nos escritos de Coelho (1991, p. 26). Esta conceituação histórica e religiosa é importante, na medida em que a literatura está interligada ao seu contexto, assim deixando os valores deste tempo impressos nesta.

Na Idade Média existiam duas vertentes do que viria a ser a literatura: uma da população burguesa, as novelas de cavalaria, de inspiração ocidental; e, uma popular, a prosa narrativa, de origens orientais e greco-romanas.

As novelas de cavalaria eram baseadas principalmente em feitos fantásticos, tendo por objetivo enaltecer os guerreiros e apresentar o espírito de coragem e luta a que estavam destinados os homens tidos como valorosos para a época. Aproxima-se da linguagem poética, por ser dotada de ritmo e rimas. Segundo Becker (1958), estas histórias eram basicamente façanhas maravilhosas, buscando enaltecer a perfeição dos guerreiros. Porém, apesar de todo o seu heroísmo, estes escritos aparecem em muitas vezes, de forma irônica, distorcendo o herói, mas mantendo-o dotado de razão (BISSACO, 2005).

As prosas narrativas eram as histórias populares, dotadas de certa moral e transmitidas por gerações, tendo por objetivo entreter as pessoas enquanto trabalhavam e pregar-lhes a moral que lhe fazia parte, nas entrelinhas. Mas é

realmente na literatura popular que nascem os contos folclóricos, que mais tarde se transformam na literatura conhecida como infantil, baseando-se nas prosas narrativas.

Passadas de boca em boca, as histórias fantásticas começam a levar encantamento para as pessoas, mas sempre dotadas de uma mensagem em suas entrelinhas.

Com a força da religião, como instrumento civilizador, é de se compreender o caráter moralizante, didático, sentencioso que marca a maior parte da literatura que nasce nesse período, fundindo o lastro oriental e o ocidental. No fundo é sempre uma literatura que divulga ideais, que busca ensinar, divertindo (COELHO, 1991, p. 28).

Os Contos de Fadas nascem originalmente voltados para o público adulto, utilizados nas “reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam”, afirma Cashdan (2000, p. 20). Como mencionado acima essas histórias nascem para os adultos, em geral dotados de fatos exibicionistas, canibais<sup>3</sup> e de forte apelo sexual.

Existem versões antigas da história hoje conhecida como Chapeuzinho vermelho, que mencionam o fato de a “mocinha” desnudar-se para o lobo após ele fazer muitos esforços para atraí-la para a cama, pedindo para que se tirasse sua roupa antes de deitar-se com ele. O apelo sexual trazido por esta história é explícito, principalmente à medida que alguns autores afirmam que a capinha vermelha de Chapeuzinho significaria a menstruação, assim o início de sua atividade sexual. Outro ponto presente nesta é o canibalismo, visto que nas primeiras narrativas desta história o lobo mata a vovó e oferece para a menina o seu sangue para beberem, mentindo que era vinho. O canibalismo também é citado na parte em que após deitar-se com a menina, o lobo a devora; ou nas versões em que a avó é devorada pelo lobo. Seria estes fatos existentes na história uma forma de alertar as moças do perigo que a menstruação lhes trazia? Ou ainda, não saia sozinha na floresta, pois pode aparecer um lobo mau e lhe comer (CASHDAN, 2000)?

Outra história bastante conhecida atualmente, tem em suas primeiras versões, situações não tão apreciáveis. Trata-se de ‘A Bela Adormecida’, que em uma das primeiras versões escritas, contada por Giam-Battista Basile em 1634, teria sido estuprada pelo príncipe enquanto dormia. O título do conto era Talia, Sol e Lua e nela se apresentavam toda a base da história de Bela Adormecida. Conta-se que

---

<sup>3</sup> Quando um ser humano que faz consumo de carne de outro ser humano.

havia uma princesa com um feitiço mortal que dormia na torre de um castelo, o príncipe a chamou, mas ela não ouviu. Ele, por achá-la muito bonita, dotada dos encantos femininos, sentiu-se atraído sexualmente e a levou para uma cama, usufruindo de seu corpo enquanto ela continuava adormecida. O príncipe, porém, teve que voltar ao seu reino por problemas no trono. Deste estupro Talia engravidou de gêmeos, um menino e uma menina, respectivamente Sol e Lua. Quando as crianças nasceram foram postas no seio da mãe adormecida, neste momento uma das crianças chupou por acidente o dedo da mãe, o que fez com que a agulha envenenada se soltasse e com isso a princesa acordou. O príncipe, tempos depois, volta para buscar a princesa e os filhos, mas como já era casado, a esposa em um ato de fúria, conspira matar Talia e as crianças. Pede a cozinheira que mate as crianças e sirva em um cozido ao marido, a cozinheira, porém, não consegue cometer tal ato e serve um cozido de cordeiro ao príncipe. A esposa tenta ainda jogar Talia em uma fogueira, quando está para ser queimada viva, o príncipe chega e impede que isso aconteça, entretanto descobre que teria comido seus próprios filhos. Cheio de ira e horrorizado com a situação ele ordena que a esposa fosse jogada na fogueira, o que assim é feito, é neste momento que a cozinheira conta que escondeu as crianças. Sol e Lua, o príncipe e a princesa, tornam-se uma família e vivem felizes para sempre (CASHDAN, 2000).

Mesmo com a existência do estupro, do canibalismo, da grande ira, presente nesta história é possível perceber algumas semelhanças com os contos que conhecemos atualmente, como o jargão “felizes para sempre”, ou ainda a existência de um príncipe que chega para salvar a princesa (CASHDAN, 2000).

Existem Contos de fadas e narrativas, talvez a maioria deles, que nunca chegaram aos livros famosos e que são poucos conhecidos, como pode-se citar a história de Pele de Asno<sup>4</sup> e suas tantas versões, como A urso, uma história italiana e

---

<sup>4</sup> O rei tinha um burro mágico que produzia estrume de ouro. Chega um tempo, porém, que sua esposa se encontra terrivelmente doente e prestes a morrer, pede ao rei que quando ela se for ele se case novamente, mas que o faça com uma mulher mais bonita ainda que ela. Depois da morte da rainha, o rei passa anos procurando uma esposa cuja beleza supere a de sua falecida esposa, isto porém sem êxito. Depois de muitos anos, ele descobre alguém que preenchia os atributos que procurava, só há um problema: essa pessoa é sua própria filha, que encontra-se em idade de se casar e o rei decide que mesmo sendo filha a tomará por esposa. A princesa fica horrorizada com os planos do pai e começa a pedir a ele presentes quase impossíveis como condição para aceitar o pedido, por orientação de sua madrinha que era uma fada. O rei porém, obstinado com a ideia de tomar a filha por esposa, realiza todos os pedidos da jovem. Só resta a ela um pedido, a pele do burro que o pai tanto amava, certo de que ele não a daria tal presente. Para o seu desespero, a obsessão do pai era tão grande, que ele mata o burro e lhe oferece a pele. A madrinha então lhe

Muitas Peles, uma história do folclore alemão, por exemplo. Talia, Sol e Lua mesmo é a base para a Bela Adormecida e ao mesmo tempo uma variante do conto.

É importante buscar entender o que levou tantos contos a serem excluídos dos livros infantis. No caso de Pele de Asno, poderia ser pelo fato de que o tesouro do rei é formado por excrementos de um animal? Poderia. Mas a razão mais provável tem a ver com o desejo do rei pela filha, o incesto. Segundo Cashdan (2000, p.20) “sexo entre pai e filha é algo que não se espera encontrar num conto de fada”, assim talvez, não se tornaria comercialmente atrativo vender esta história.

A sistematização desse apanhado de narrativas originalmente orais, começa a acontecer quando alguns autores decidem transcrevê-las em livros. Talvez o início deste processo tenha se dado com Charles Perrault, no século XVII na França. Este autor tem como obras transcritas grandes clássicos dos Contos de Fadas, como *O sapatinho de vidro* (versão de Cinderela), *O mestre gato* (versão de O gato de botas), *O pequeno polegar*, *Barba Azul*, *A Bela Adormecida* e *Capinha Vermelha*. O livro publicado de Charles Perrault possuía doze contos de fadas e se chamava *Contes de ma mère l'Oie*, que traduzido para o português significa Contos de mamãe ganso.

Na base da literatura infantil estará sempre, soberanamente, a literatura oral que a antecede historicamente e a fundamenta tematicamente. Charles Perrault apanhou na tradição oral todos os temas de seus contos, intitulados *Contes de ma Mère l'Oye*, narrativa de lendas célticas de raízes talvez no Oriente e já no século XVII, quando apareceu no seu livro, de patrimônio comum a toda Europa ocidental, (ARROYO, 1968, p. 36).

É bem fácil acreditar que estas histórias sempre estiveram no ocidente, que elas nasceram quando seus transcritores as escreveram e que são de origem puramente europeia, mas é importante frisar que elas fazem parte de uma grande mistura de culturas, tem fortes raízes célticas e no Oriente e nasceram muito antes de suas transcrições e crescentes modificações, na cultura oral.

---

aconselha a sujar-se de carvão e se cobrir com a pele do burro para fugir, dizendo que quando precisar de suas coisas, só será preciso bater na terra por três vezes. Em sua fuga, Pele de Asno se depara com um lindo castelo, onde consegue um trabalho como lavadeira. Um dia cansada de sua aparência de mendiga, a princesa bate três vezes no chão e recupera seus vestidos, o príncipe dono do castelo a vê e se apaixona à primeira vista por tanta beleza. Ao procura-la depois encontra tão somente uma jovem suja, coberta por uma malcheirosa pele de asno, mas o príncipe a reconhece mesmo estando de forma tão desleixada, neste momento ela se despe da pele de burro e revela uma beleza inigualável, casando-se então com o príncipe (CASHDAN, 2000).



Outros transcritores muito famosos são os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como irmãos Grimm<sup>5</sup>, foram os autores que modificaram mais profundamente os contos de fadas, tornando-os mais apropriados ao público infantil. Publicaram na Alemanha no século XVIII, no ano de 1812, um livro chamado *Kinder- und Hausmärchen*, que traduzido para o português significa *Histórias de Crianças e da Casa*, livro este que continha mais de duzentos contos de fadas. Dentre estas histórias estavam uma nova versão de *A bela Adormecida*, *Branca de Neve*, uma nova versão de *Chapeuzinho Vermelho*, *Rapunzel*, *João e Maria*, entre muitas outras.

Tatar (2004), comenta que os Irmãos Grimm se basearam em diversas fontes para montar e selecionar os contos publicados em seu livro. Todas estas histórias publicadas, segundo Coelho (1985), são classificadas como narrativas fantástico-maravilhosas, pois fazem parte de um mundo imaginário e fantástico.

Segundo Cashdan (2000), a intenção dos Grimm, procurando por diversas fontes antes de escrever uma versão definitiva, era criar uma fonte que refletisse verdadeiramente o folclore alemão.

Ainda segundo o autor, alguns contos foram de contribuição de Dorothea Wild, que era sogra de Wilhelm; e outros de contribuição de Jeannette e Amalie Hassenphlug, duas irmãs que se casaram com pertencentes da família Grimm.

É interessante ressaltar ainda, que para os irmãos Grimm, não importava se algumas destas histórias tinham origens italianas ou francesas e não eram puramente alemãs. Desta forma, pode-se explicar o fato da história de Cinderela de Charles Perrault ser muito próxima a história Dama de cinzas deles. Pode-se citar também semelhanças em *Chapeuzinho Vermelho* e *Rosa dos Arbustos* dos Grimm e *Capinha Vermelha* e, *A Bela Adormecida* no Bosque de Charles Perrault, respectivamente.

Embora os irmãos Grimm não tenham, tecnicamente falando, escrito nenhuma das histórias, eles as alteraram, para torna-las mais adequadas aos jovens leitores. As alterações foram, em parte, motivadas pelas inclinações puritanas de Wilhelm. Mas as razões comerciais também tiveram seu papel nisso. O mercado infantil para contos de fada, alimentado por um crescente reconhecimento de que as crianças tinham interesses próprios e exclusivos, aumentava tremendamente – e os editores estavam mais dispostos a investir seu dinheiro em livros que os pais conspirassem aceitáveis (CASHDAN, 2000, p. 22).

---

<sup>5</sup> Jacob e Wilhelm Grimm nasceram em Karlsruhe, na Alemanha, no final do século XVII. Consagraram-se como os mais conhecidos escritores infantis de todas as épocas, trazendo à tona a versão escrita de muitos Contos de Fadas.

Ressalta Ariès (1981), que a infância nem sempre existiu, mas que a criança era vista como um adulto em miniatura, que houve uma construção para que se formasse esse sentimento de infância e essa nova visão da criança. Essa nova visão de criança trouxe consigo mudanças em todos os âmbitos e isso inclui o comercial. Foi necessário pensar essa literatura de uma nova forma, para que se adequasse ao mundo infantil. E é neste momento que, afirma Cashdan (2000, p. 23), histórias “repletas de referências sexuais gritantes[...] foram transformadas em contos que falavam à sensibilidade infantil”, se tornando um pouco mais amenas e cuidadosas.

Essa amenização, alteração e manipulação dos contos de fadas, não cessam neste momento, pois as histórias continuaram a ser alteradas à medida que iam sendo traduzidas. (CASHDAN, 2000, p. 22)

Um nome bastante conhecido quando se fala em contos de fadas, é o de Walt Disney<sup>6</sup>, ou Walter Elias Disney. Pode-se afirmar que foi com Disney verdadeiramente, que elas passaram a ser mundialmente conhecidas e apreciadas.

Já bem diferentes dos contos dos Grimm, alguns contos de fadas como *Branca de Neve e os sete anões*, *Cinderela* e a *Bela Adormecida*, foram escolhidas para virarem representações cinematográficas, produzidas pela Walt Disney Company. Estas novas versões traziam em sua essência mais doçura e meiguice, pensando exatamente em atingir o público infantil. Dado o grande sucesso atribuído as produções, elas passaram a ser associadas com a marca Disney, gerando lucro extremamente alto em todos os produtos que se utilizavam dos contos de fada para o seu comércio (MACHADO, 2012).

O comércio dos contos de fadas - termo esse descrito por Martins e Reis (2015) - e das histórias no geral, torna-se então uma nova forma de negócio. Os EUA passavam por um momento bastante complicado de sua história, viviam uma enorme crise econômica, quando então, segundo Gabler (2016), em uma sacada genial, Disney tornou-se épico, adaptando personagens dos desenhos animados que ainda encantam crianças e adultos ao redor do mundo. O pico de sua consagração talvez seja o longa-metragem *Branca de Neve e os Sete anões* (1937), que trouxe cor ao cinza do momento econômico. Após *Branca de Neve*, vieram

---

<sup>6</sup> Walt Disney nasceu em Chicago, EUA, no ano de 1901 e faleceu em Los Angeles em 1966. Foi um empresário norte-americano que fundou junto com o irmão Roy Disney, a Walt Disney Company. Criou o maior estúdio de animação de Hollywood, e os parques temáticos da Disney, na Califórnia, na Flórida, na França, no Japão e em Hong Kong.

ainda *Pinóquio* (1940), *Cinderela* (1950), entre outros, que “fizeram a Disney reinar absoluta, durante décadas, como produtora de longas animados”. (SABADIN, 2019, p.158)

Além da questão econômica encontra-se vivida a fantasia, sobretudo infantil, que segundo os Irmãos Grimm, autores de diversos Contos de Fadas, ainda na Idade Média, serviria como “cercas vivas”<sup>7</sup>:

O canto junto à lareira ou perto do forno na cozinha, o lugar ao pé da escada, os feriados que ainda se festejam, os pastos e as florestas em seu silêncio, e sobretudo a fantasia – são essas as cercas vivas que protegeram essas histórias e levaram a tradição de uma época à outra. (GRIMM; Wilhelm, 2018, p.02)

Como já mostrado neste estudo, a fantasia, seja em que momento histórico ou maneira estão inseridos, traz junto consigo a necessidade humana de aliviar tensões acreditando que o momento difícil será amenizado e tudo dará certo. Pode ser essa, talvez, a explicação para o sucesso tamanho do filme *Branca de Neve e os sete anões*.

Os refúgios trazidos por estes belos encantamentos, em que tudo acaba bem, são de um lado necessários, para que haja distração e enlevo. Por outro lado, podem ser alienantes, na medida em que nem sempre trazem reflexões aos seus “clientes” e tiram o foco de coisas mais relevantes, como o cenário político real, por exemplo.

Segundo Espinal (1976, p. 16), “Toda alienação é desumana porque tira o homem de sua lucidez, sua consciência e sua capacidade de escolha”. Um homem que não tem sua lucidez e consciência preservada não é capaz de fazer uma reflexão; assim como um homem precisa da reflexão para que recobre a lucidez e a consciência. Assim sendo, quando o sujeito não faz a devida reflexão da mídia que consome e o consome, ele não é capaz de desenvolver o pensamento crítico que necessita para que possa perceber os jogos de poderes e interesses existentes na sociedade.

Atualmente, a televisão é uma das maiores e mais influentes formas de mídia existentes, estando na grande maioria das casas e sendo parte presente da vida dos

---

<sup>7</sup> Os autores utilizam o termo “cercas vivas” para apontar os fatores que segundo eles fizeram com que os Contos de Fadas fossem passados oralmente por gerações, que seriam os encontros familiares da época, sendo estes diários, em meio ao trabalho, ou festivos e sobretudo a fantasia exercida por estas histórias no imaginário das pessoas.

brasileiros. Dentro deste meio global de informações destacam-se além de programas de notícias e desenhos, as telenovelas.

A telenovela tem sua origem na literatura, e possui em sua composição a união de várias histórias dentro de uma principal, na qual estão em destaque geralmente um casal. Existe também na composição dessas histórias um vilão ou um conjunto de vilões, que buscam destruir a felicidade dos protagonistas. Assim como nos contos de fadas, a luta entre o bem e o mal é constante e é ponto chave para o desenrolar da trama. Qualquer semelhança com os contos de fadas não é mera coincidência (REBOUÇAS, 2009)!

Menciona Silva-Reis (2018, p. 57), que “Há muitos críticos que afirmam que tanto a radionovela quanto telenovela são a continuação do melodrama folhetinesco e romanesco, especialmente oriundos do século XIX” que tem uma composição parecida com a dos contos de fadas infantis. Porém é importante citar o fato de que o gênero narrativo melodrama<sup>8</sup>, que baseia as tele e rádio novelas, é voltado mais para o apelo visual, que textual. (SILVA-REIS, 2018)

Pensando a telenovela como uma história em que dentro dela, existem diversas outras histórias, se percebe o tamanho da sua amplitude, pois tem a possibilidade de desenvolver diversas ideias em uma única forma de disseminá-las e isso a torna bastante influente e significativa.

## 2.1 ROQUE SANTEIRO: UMA BREVE ANÁLISE

As telenovelas podem trazer muitas formas de mensagens subliminares, ora podem aproximar o espectador de um padrão de beleza, ora de outro; ora de uma visão de mundo, ora de outra oposta a primeira; ora de um ideal político, ora de outro, totalmente contrário ao primeiro, mas todas possuem a marca de abalar primeiro o homem de condição social mais frágil.

Mas, infelizmente, o que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele (FREIRE, 1967, p.44).

Pensando por este caminho apresentado por Freire, observa-se a capacidade de manipulação ou mesmo de libertação das telenovelas, estes mitos modernos, não

---

<sup>8</sup> Gênero popular, baseado no apelo a situações exageradas, seja de sofrimento, tristeza ou comicidade.

os compreendendo como algo estático e alienante somente, mas como também uma poderosa fonte de libertação.

Em uma publicação da revista VEJA de 2017, menciona-se que “depois de um tenebroso inverno em que não despertaram mais que apatia, os folhetins voltaram a pautar as rodas de conversa, da Amazônia aos Pampas”. Ainda segundo a revista o brasileiro gosta mesmo é de se sentir retratado na tela da televisão. A edição comenta ainda que seja “Nos bares e lares, nas lojas e estações rodoviárias, em todas as frestas de lazer a telenovela tem dado um jeito de se infiltrar”, pois se trata de uma diversão fácil, assim como eram os contos de fadas (VEJA, 2017).

Depois deste tempo um tanto desmotivado para teledramaturgia brasileira surge em 1975 a novela Roque Santeiro, escrita por Dias Gomes e tendo como coautor Aguinaldo Silva, escrita neste tempo, porém impedida de ir ao ar, por conta do seu teor político em um tempo de censura<sup>9</sup>.

Alfredo Dias Gomes, o autor, era originalmente do palco teatral, censurado pela ditadura militar<sup>10</sup> imposta no Brasil no ano de 1964, aproveitou das novelas para expor seus ideais revolucionários para a época. Nesta leva de novas telenovelas nascem *O Bem Amado* em 1973 e posteriormente *Roque Santeiro*.

Em sua primeira versão escrita, Roque Santeiro possuía um nome bem mais sugestivo: *‘A fabulosa estória de Roque Santeiro e sua fogosa viúva. A que era sem nunca ter sido’*, nome esse que já traz a ideia do principal mito da trama. A telenovela foi protagonizada por Betty Faria, como a personagem Viúva Porcina; Lima Duarte, como Sinhôzinho Malta; Francisco Cuoco, como Roque Santeiro. Após já gravados mais de trinta capítulos, a censura<sup>11</sup> federal interceptou em uma ligação telefônica do autor, que se tratava de uma versão modificada da peça teatral *O Berço do herói*, já proibida anteriormente (VEJA, 2017).

Segundo Mattos (2016), apesar da telenovela Roque Santeiro ser um ícone quando se pensa na censura no período militar, esta censura por inteiro acontecia mais em programas de auditório ou telejornais. No caso das telenovelas geralmente

---

<sup>9</sup> Entende-se por censura, o ato de reprimir um ato ou meios de comunicação a divulgarem uma opinião contrária a apresentada por uma determinada ditadura, como acontece com a ditadura militar no Brasil.

<sup>10</sup> Define-se por ditadura militar no Brasil o momento histórico dos anos de 1964 a 1985, em que o governo do país foi tomado por militares e ocorreu grande censura a quem pensasse com ideias opostas ao que o governo entende como correto, compreendendo-as como atitudes subversivas e ofensivas a Pátria.

<sup>11</sup> Ato de coibir os indivíduos solos e meios de comunicação de fazer menção a algo que se considere contrário aos ideais de quem encontra-se no poder.

eram feitas modificações, fazendo com que a obra fosse ao ar, mas não em sua forma original.

Ainda que um ponto fora da curva, ou mesmo até por isso, a proibição de “Roque Santeiro” deve ser desvendada em razão do seu valor simbólico na história da TV e do País e, conforme nossa hipótese por se tratar de uma obra em três atos, que traz à tona o início, o meio e o fim da ditadura militar (MATTOS, 2016, p.29).

Com interesse na censura de Roque Santeiro, são escritos diversos documentos considerando-a como subversiva. Discorre ainda o Serviço Público Federal de 1975, em ofício oficial sem número:

A forte temática – negativa sobre todos os aspectos – poderá conduzir a uma situação intolerável para o meio de comunicação a que se destina, o que somente revelará o exame da gravação dos capítulos subsequentes. Isto ocorrendo, a novela será, inevitavelmente, proibida, ficando desde já a critério dessa empresa assumir o risco de ver interrompida, a qualquer tempo, a transmissão do programa, visto que a Divisão de Censura de Diversões Públicas tem instruções no sentido de não mais tolerar, como faz com a novela “GABRIELA”, as cenas e situações que agridam os padrões normais da vida no lar e na sociedade ou que possam ferir, por qualquer forma, a dignidade ou o interesse nacional (BRASIL, 1975, ofício s/n.).

Dez anos após sua proibição, finalmente acontece a sua estreia. Em 24 de junho de 1985 entrava ao ar uma novela que viria a conquistar o Brasil, em alguns capítulos atingindo a incrível marca de 100 % dos televisores da época conectados em sua história. Seus personagens simples e sua semelhança com a vida nos interiores deste país cativara a população de maneira fantástica, sem perceber a população era trazida para uma trama de luta de classes e ares políticos.

Além deste viés explicitamente político, Roque Santeiro apresentava as pessoas uma quebra de paradigma moral, o que se apresenta em diversos momentos da trama. Como por exemplo no Capítulo 103 em que as moças da boate, juntamente com sua dona, Matilde<sup>12</sup>, resolvem vender beijos em uma barraca na quermesse da igreja de padre Hipólito, fazendo uma revolução em *Asa Branca*.

---

<sup>12</sup> Matilde é a dona da Boate Sexus e da Pensão mais famosa de Asa Branca. Uma mulher à frente de seu tempo, é tida pela população conservadora como imoral, porém a seu modo tenta ajudar a todos.

Quadro 1 – Jiló na barraca de beijos com Rosali



Fonte: Roque Santeiro, Cap. 103, 1985, adaptado por Edimara Krupek.

Em 2013, vinte e oito anos após sua exibição, escreveu em um artigo para a revista VEJA o autor Aguinaldo Silva, publicada posteriormente em arquivo digital em 2017:

*Roque Santeiro* era isto: um vento que provocou um frêmito no país já na noite de estreia, e nas noites seguintes soprou cada vez mais forte. Isso podia ser comprovado facilmente pelo som da vinheta que assinalava o começo e o fim de cada intervalo comercial da novela – a de *Roque Santeiro* era sublinhada pelo tilintar de uma auréola de santo que ficava sobre o título da novela e lembrava o famoso plim-plim dos intervalos da Rede Globo. Durante a exibição de *Roque Santeiro*, mal vinha o primeiro toque eu corria para a janela da minha casa em São Conrado, no Rio de Janeiro, e ficava esperando que o som do plim-plim ecoasse na minha rua, no meu bairro, na minha cidade... No país inteiro. Sim, bons tempos aqueles em que, embora ainda estivesse vívido na memória o som das botas dos militares a ecoar nas madrugadas, apesar da censura tenebrosa e das ameaças de processo por causa do que se dizia, escrevia ou fazia, uma telenovela era capaz de conquistar mentes e corações, dizer às pessoas sobre os seus personagens “estes somos nós!” e, assim, se tornar maior que tudo. Não era assim que eu sentia *Roque Santeiro* na época, quando a pressão de escrevê-la era só o que contava. Mas é assim que a vejo agora, como o momento mágico que foi, ao dar a um povo sufocado a chance de reconhecer, mesmo que numa obra de ficção, sua própria cara. (VEJA, 2017, s/p).

O autor comenta ainda neste artigo o medo vivido na escrita da telenovela, pois entendia que os cortes e censuras podiam acontecer a todo momento, mas

que as pessoas clamavam por algo que mostrasse um pouco das fraudes políticas da época.

Baseado em fraudes, mentiras e superstições, na grande maioria com interesses em sua formação, nasce a história do santo. A história começa na fictícia vila interiorana do interior da Bahia, Asa Branca. Vila esta pacata, na qual corre o caso de um mito. Dias Gomes, comenta em uma matéria para o Jornal da tarde em 1975, a necessidade da existência do mito, como apresentado, por exemplo, no episódio 32, em que padre Hipólito se culpa por não fazer nada para cessar a fortificação do mito na cidade e é contrariado por padre Albano, que afirma que o povo necessitava acreditar em algo. Esse fato é bastante abordado na obra, para Dias Gomes a base dessa telenovela seria

A história de um homem consagrado como herói e em torno do qual gira a vida de toda uma cidade. A novela traz como proposta a discussão da necessidade de mitos em determinados momentos históricos. Particulariza o caso da fictícia cidade de Asa Branca onde, há dezessete anos, Roque Santeiro, um jovem sem maiores perspectivas, foi transformado em herói ao salvar a população de um ataque de cangaceiros, o que valeu a glória e a morte (JORNAL DA TARDE, 1975, s/p).

O mito transmitido sem alguma reflexão e afirmação de sua veracidade, inicia-se quando o bandido perverso *Navalhada* e seu bando de jagunços ocupam a prefeitura da cidade, pedindo em troca da vida do prefeito e da população local uma grande quantia em dinheiro. Tratando-se de população pobre, a quantia exigida pelo bandido era impossível de ser arranjada, rogam então ao único fazendeiro rico do vilarejo, Sinhozinho Malta. Apesar de ser o homem mais rico da cidade, a quantia exigida era tão grande que nem mesmo ele possuía notável valor. Neste momento entra em cena Roque Santeiro, pobre e simples moço que tinha tal apelido por produzir santos em barro ou madeira. Ele se propõe a negociar com Navalhada a quantia a ser entregue para que a vila se salve. Mesmo fazendo esta negociação, o bandido não aceita a proposta, fazendo com que todos os habitantes (cerca de 500) fujam de Asa Branca, com exceção de Roque Santeiro. Conta a história ainda, que ele se propôs a defender as peças valiosas existentes na igreja, pois não aceitaria um ato tão tenebroso contra a casa sagrada. Na invasão a igreja, Navalhada e seu bando, que eram sete, matam Roque.

Porém algo misterioso aconteceu segundo esta narrativa popular, quando os bandidos decidem roubar o ostensório de ouro da igreja o sino põe-se a badalar exaustivamente sem que ninguém o toque. Trêmulos de medo, os malfeitores fogem



da vila sem levar riqueza alguma. Quando voltam para suas casas os moradores descobrem o ocorrido com Roque e aclamam sua bravura.

Pouco tempo após a morte de Roque, uma criança que sofria estranhas feridas na perna teria o visto ao brincar no rio, local esse onde teria sido descartado os restos mortais de Roque. Ao ver sua imagem, ele teria dito a menina que ela passasse o barro daquele rio em suas pernas. Após cumprir as ordens contidas na visão ela teria ficado curada, nascendo assim o primeiro milagre de Roque Santeiro e a fama do barro daquele rio. O rio torna-se famoso, atraindo então muitos devotos em busca de milagres que acreditam que ao lambuzar-se com a lama presente ali, alcançariam o milagre que almejam.

Quadro 2 – Fiéis se lambuzando com a lama do rio da morte de Roque Santeiro.



Fonte: Roque Santeiro, Cap. 01, 1985, adaptado por Edimara Krupek.

A telenovela inicia sua trajetória apresentando a cidade de Asa Branca e alguns de seus personagens, cada um com suas características e interesses, mais ou menos fortemente ligados ao ponto central da trama.

Com o nome original “A fabulosa estória de Roque Santeiro e sua fogosa viúva. A que era sem nunca ter sido”, já são apresentados indícios de uma fraude, pois já existe a afirmação de que a viúva de Roque, nunca foi verdadeiramente. O seu casamento com Roque foi uma documentação fraudada por Sinhôzinho Malta, como fica claro no episódio 32 da telenovela, em que Roque e a viúva conversam sobre a falsa existência deste casamento.

A suposta viúva de Roque Santeiro se chamava Porcina que, ao passar dos episódios é descoberta como sendo uma retirante do nordeste, bastante pobre. Trata-se de uma mulher muito esperta, apesar de semianalfabeta. É uma mulher forte e muito bonita, porém caprichosa, autoritária e que se dá todos os luxos aos quais tem vontade. É por ela e seu primeiramente amante, depois noivo, Sinhôzinho Malta, que o surgimento do mito se inicia, como uma forma de fazer com que ela se mude de Pouso Feliz para Asa Branca sem que haja maior desconfiança, como é revelado também no episódio 32, na cena em que Roque está deitado na rede na casa de viúva Porcina e ela e Sinhôzinho Malta que revelam o motivo da farsa.

Apesar de subentendido, fica muito claro que quando amante de Porcina, Sinhôzinho Malta e ela, traçam um plano para que a esposa Margarida morra em um acidente. Para que Porcina pudesse viver em Asa Branca sem nenhuma desconfiança por parte da sociedade, é criada a história de Roque Santeiro e ela é apresentada como alguém que ele se casara pouco tempo antes de morrer, em uma viagem que realizou.

Sinhôzinho Malta é o latifundiário da região, possui tantas terras e bens que seu nome é conhecido em todo o Brasil. Tem aproximadamente cinquenta anos, é bastante vaidoso, isso percebe-se pela quantidade de pulseiras, o relógio de ouro e a sua coleção de perucas, guardadas a sete chaves.

O personagem é bem mais que o homem mais rico da região, é também o mais poderoso em questão política, mandando e demandando na cidade segundo suas vontades e objetivos, possui muito mais voz que o próprio prefeito e ninguém ousa contraria-lo. É fortemente apaixonado pela filha Tânia, fruto de seu relacionamento com a falecida esposa.

Tânia é uma moça de seus vinte anos, moderna e bonita e que apesar de filha do coronel, não vive de aparências e luxúria. Convive com a desconfiança do pai no caso da morte da mãe. Como uma moça jovem e cheia de vida, passa na trama por fortes paixões, a primeira por Roberto Matias (ator que interpretava Roque Santeiro no filme que estava sendo feito em Asa Branca) e posteriormente pelo padre Albano, dois amores proibidos. O primeiro repudiado pelo pai, que duvida do caráter de Roberto e o segundo além dos motivos óbvios, por Albano ser considerado o “padre vermelho”, menção essa pensada por Dias, no comunismo<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Sistema social que visa dividir os meios de produção nas mãos de todos, sendo todos responsáveis e beneficiários destes meios.

Com ideais comunistas, o padre busca uma melhor divisão das terras e melhores condições de trabalho para a população pobre de Asa Branca. Isso chama bastante a atenção de Tânia, que busca ajudá-lo.

Além do “padre vermelho”, existe ainda na cidade outro padre, o padre conservador, Hipólito. Trata-se de um senhor já idoso, que tenta conservar os costumes ao máximo e é movido a questões financeiras, sendo este também manipulado pela história de Roque e o poder local: Sinhôzinho Malta e viúva Porcina.

Juntamente com ele, estão as beatas, entre elas destacam-se na trama dona Pombinha e Mocinha. Pombinha é a mulher do prefeito da cidade, uma mulher extremamente conservadora que defende com unhas e dentes os milagres de Roque Santeiro.

Mocinha por sua vez, teria sido a noiva de Roque, “abandonada” por um falso casamento com a que viria a se tornar viúva Porcina. A moça inocente, (des) iludida com a morte e o abandono de Roque, segue a vida a se guardar para um amor irreal, nunca mais se relacionando amorosamente até a descoberta de que Roque não morreu e sua volta para a cidade.

A cidade de Asa Branca só não poderia contar com um acontecimento: a volta daquele que não morreu. Luiz Roque Duarte, depois de ganhar o mundo às custas do ostensório de ouro da igreja e do dinheiro roubado de Sinhôzinho Malta, volta arrependido de seu feito a sua cidade natal, querendo a remissão de seus atos.

As poucas pessoas que lhe reconhecem assim que volta a cidadezinha, acreditam estar vendo uma aparição de Roque Santeiro, acontecendo que nem ao menos o próprio pai acredita tratar-se de algo real.

Asa Branca transforma-se após a consagração de Roque Santeiro como seu mito heroico e santo, um polo de muitos interesses. Encontram-se neste contexto, os interesses da igreja, na questão do prestígio, na questão financeira; a questão da manutenção de Porcina como imaculada, livre de qualquer desconfiança por parte da sociedade, podendo assim vir morar na cidade e relacionar-se livremente com Sinhôzinho Malta, mesmo este quando casado; a questão da valorização das terras da cidade e do comércio, o que é exposto por meio de Zé das Medalhas<sup>14</sup> (ROQUE

---

<sup>14</sup> O personagem Zé das Medalhas é um poderoso comerciante da Cidade de Asa Branca, que ganha a vida especialmente por meio do turismo religioso.

SANTEIRO Cap. 1, 1985) ou Tito<sup>15</sup> (ROQUE SANTEIRO Cap. 13, 1985); entre tantos outros interesses menores, como por exemplo o do pedinte de esmolas, o cego Jeremias<sup>16</sup> (ROQUE SANTEIRO Cap. 1, 1985).

Imagem 3 – A loja de Zé das Medalhas



Fonte: Roque Santeiro, Cap. 01, 1985, adaptado por Edimara Krupsek.

Outro fato ilícito é ainda retratado na telenovela, como no Capítulo 69 (1985) em que o prefeito Florindo Abelha fala que nomeou a filha como sua secretária na prefeitura, o que é denominado nepotismo. O STF, entende nepotismo por:

A nomeação de cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive, da autoridade nomeante ou de servidor da mesma pessoa jurídica investido em cargo de direção, chefia ou assessoramento, para o exercício de cargo em comissão ou de confiança ou, ainda, de função gratificada na administração pública direta e indireta em qualquer dos poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, compreendido o ajuste mediante designações recíprocas, viola a Constituição Federal.

É importante que se ressalte também que para o prefeito da trama tudo gira em torno dos votos que podem ser obtidos nas próximas eleições, as alianças políticas possíveis e lucro, tanto financeiro, quanto na questão de vantagens.

<sup>15</sup> Tito é o marido de Linda Bastos, famosa atriz que está na cidade de Asa Branca para as gravações de um filme baseado na história de Roque Santeiro. O personagem tem um projeto para abrir uma fábrica de velas, pensando no turismo religioso.

<sup>16</sup> O cego Jeremias é o cantor da porta da igreja, pedinte de esmolas, ele sobrevive do dinheiro que ganha dos tantos devotos de Roque que visitam Asa Branca.

A falta de auxílio e a exclusão por parte da sociedade e do poder público a ‘Vila Miséria’<sup>17</sup> revela a intenção de ambos de que Asa Branca seja conhecida apenas por seu lado rico e pela fé a Roque Santeiro. Isso acontece por conta dos interesses existentes, tanto pelo prefeito, que já foram citados no parágrafo acima, quanto dos comerciantes e da população mais abastada financeiramente da cidade. Subentende-se este ato como uma tentativa de maior valorização das posses imobiliárias.

É muito claro em diversas passagens da telenovela o dinheiro como forma de poder. Como por exemplo, ainda no capítulo 69, em que Porcina diz a Sinhozinho Malta que ele não tem a mínima possibilidade de ser preso por conta de todo o seu dinheiro e poder de influência.

Além destas demonstrações diretas aludidas nesta fundamentação teórica existem as mensagens visuais, quase nas entrelinhas, apresentadas. Pode-se citar como exemplo o momento em que, no capítulo 70 (1985), viúva Porcina sai da igreja e ao fundo, escrito no muro aparece por alguns instantes a frase: “Aqui jaz a ditadura”. Esta frase caracteriza o momento histórico em que esta última versão de Roque santeiro pode ir ao ar, o fim da ditadura militar, além de exacerbar seu forte cunho ideológico.

Imagem 4 – Frase referente a ditadura na telenovela Roque Santeiro.



Fonte: Roque Santeiro, Cap. 70, 1985, adaptado por Edimara Krupek.

<sup>17</sup> Vila Miséria, como é conhecida, faz parte da parte mais pobre de Asa Branca, é formada principalmente por negros e mulatos, trabalhadores braçais das fazendas ou das fábricas, como a fazenda de Sinhozinho Malta e a fábrica de lembranças de Zé das Medalhas. É liderada pelo padre Albano.

No capítulo 91 (ROQUE SANTEIRO CAP 91, 1985), acontece uma conversa entre o professor Astromar<sup>18</sup> e Roque que vem bem de encontro com este trabalho. Astromar diz a Roque que não gosta de Roque Santeiro, porque o mito impede Asa Branca de crescer intelectualmente. Roque por sua vez, diz não gostar de mitos. É importante ressaltar que professor Astromar Junqueira ao conversar com Roque, não sabe que trata-se de *'Roque Santeiro'*.

Quadro 5 – Conversa entre professor Astromar e Roque Santeiro



Fonte: Roque Santeiro, Cap. 91, 1985, adaptado por Edimara Krupek.

No capítulo 98 da telenovela Roque Santeiro uma conversa entre o ator que interpreta Roque no filme<sup>19</sup> existente dentro da dramaturgia, Roberto Matias e o próprio Roque, sem que saibam de sua verdadeira identidade, é levantada uma dúvida sobre a real existência de Roque, na qual Roberto Matias compara a história de Roque Santeiro a um conto de fadas irreal. O personagem afirma ainda que apesar de duvidar da existência de Roque, a fé que ele move na cidade de Asa Branca é real.

<sup>18</sup> Professor Astromar Junqueira é o maior intelectual de Asa Branca, conhecido por seus discursos longos e cheios de palavras difíceis, é também o presidente do Centro Cívico Asabranquense. É apaixonado por Mocinha, ex-noiva de Roque Santeiro, porém ela não lhe dá esperanças, pois decidiu se guardar.

<sup>19</sup> O filme "A saga de Roque Santeiro" existente na novela mostra a história do mito criada por Viúva Porcina e Sinhôzinho Malta, segundo os interesses das pessoas mais poderosas de Asa Branca que influenciaram o diretor da trama, Gerson, a escrever segundo o que lhes cabia.

Quadro 6 – Roberto Matias conversa com Roque na boate.



Fonte: Roque Santeiro, Cap. 98, 1985, adaptado por Edimara Krupek.

### 2.1.1 A manipulação dos mitos e suas consequências

Tanto nas histórias mencionadas na primeira seção desta fundamentação, quanto na telenovela Roque Santeiro, é imprescindível notar a formação do mito ou ser fantástico como uma forma de sublimação e manutenção do poder. O mito, neste contexto, nada mais é que uma tradição sem qualquer reflexão, usada como arma para conservação e obtenção de interesses.

É importante definir aqui o mito ao qual há referência: seria o ser construído em prol de interesses, montado em todo ao que se espera e ansiado nos momentos de penumbra (LIMA ; AZEVEDO, 2017).

Um mito se constrói, sobretudo, baseado em um interesse, e se forma da necessidade humana de se acreditar em algo, de explicar algum fenômeno, ou de um desejo de mudança, ainda que este seja manipulado por um meio de comunicação.

Com essa mesma perspectiva, segundo Lima e Azevedo (2017), surgem os mitos políticos, dotados de um discurso messiânico. Nesse contexto, os autores

citam o surgimento do hoje presidente da república Jair Messias Bolsonaro e explicam a razão do sucesso, do na época, deputado federal:

Sabe-se que o desejo de ser representado por um líder e de possuir uma terra próspera é paráfrase do discurso messiânico judaico-cristão, mas não somente, é paráfrase do discurso do político, é anseio presente no imaginário social, é atividade do político, que é porta-voz de um grupo. (LIMA; AZEVEDO, 2017, p. 08)

Considerando a citação anterior, pode-se fazer uma relação estreita sobre a realidade, por meio da construção do mito Bolsonaro, a ficção televisiva, por meio de Roque Santeiro e as histórias fantasiosas, por meio do seu histórico.

É importante ressaltar ainda, as fontes utilizadas na construção deste mito, basicamente as redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas<sup>20</sup>. Isso acontece, porque segundo Benjamin (2017, p. 55), “o olho apreende mais rápido do que a mão desenha, o processo de reprodução figurativa foi acelerado”, pensando por este viés entende-se como as imagens tem impacto na vida das pessoas e são gravadas mais rapidamente que palavras.

Eis que uma dúvida paira no ar: seria a crença nestes mitos tolice? O grande filósofo Walter Benjamin (1994) acredita que o conto maravilhoso por sua vez, é a pura representação da natureza e da verdade existente, quando comenta que as pessoas deixam transparecer suas vontades e desejos próprios fazendo-se de cegas, ligando-se ao seu próprio eu.

Ao entender o conto maravilhoso como a manifestação do eu, compreende-se o mito como a manifestação da sociedade por meio da fantasia e da vontade: a idealização do mito.

Assim como não é possível desassociar a manifestação social das histórias fantasiosas, também não há como negar o seu grande poder de abrir e fechar os olhos das pessoas, gerando consequências significativas na sociedade. Pode-se pensar as consequências dessas maneiras de se contar histórias em dois sentidos opostos: a manipulação e a libertação.

No sentido manipulativo, observamos a defesa da supremacia, tanto social, quanto econômica, na qual são introduzidos segundo o interesse de uma minoria, mensagens subliminares ou até bastante claras. Existe uma sementeira da manutenção das hegemonias, com doses pequenas salpicadas dia a dia. Tudo isso se dá por um trabalho em rede, em que todos os meios de comunicação participam:

---

<sup>20</sup> Pode-se citar como exemplo o aplicativo WhatsApp, bastante relevante na comunicação do país atualmente.



[...] redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores políticos; e para uma organização social que vise a suplementação do espaço e invalidação do tempo (CASTELLS, 1999, p. 498).

Ainda segundo Guy Débord (2000), vivemos na sociedade do espetáculo, que seria uma sociedade imagética, em que todas as relações sociais são baseadas em imagens, pois tudo que é vivido se transformou em uma mera representação e ocorre um consumo midiático em um nível altamente elevado, o que favorece a semeadura manipulativa relativa ao poder, o autor cita como exemplo a relação das imagens com o consumismo exacerbado.

Olhando o sentido libertador que pode existir nessas histórias, como o existente na telenovela Roque santeiro, existe outro viés completamente diferente a ser estudado: as histórias como ferramenta de reflexão. Porém, é importante mencionar que nem todo indivíduo pode se atentar a libertação, gerando a reflexão, mas que quase todo indivíduo será manipulado por uma forma de poder, isso acontece segundo Freire (1967, p. 21) porque “os dominados estariam legitimando a opressão” e a entenderiam como o correto a ser realizado consigo, pois não se veem como manipulados, existe uma cegueira que aliena.

Esta libertação citada no texto seria voltada para retomá-lo da visão perdida, enxergando-se como manipulado e entendendo os interesses existentes em cada parte da sociedade, transformando estes pensamentos em ações na busca dos direitos igualitários, o que não é de interesse da elite detentora do poder.

Do ponto de vista das elites, a questão se apresenta de modo claro: trata-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes. Se já não é possível aquela mesma docilidade tradicional, se já não é possível contar com sua ausência, torna-se indispensável manipulá-las de modo a que sirvam aos interesses dominantes e não passem dos limites (FREIRE, 1967, p.17)

Este seja talvez, o maior desafio da educação: colocar visão onde os olhos foram cegados e fazer reconhecer-se como cego, porque somente assim existirá a busca para sua superação.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada pelo cunho bibliográfico. Foram selecionados diversos autores de livros, como Nelly Novaes Coelho, Bruno Bettelheim, Sheldon Cashdan, Walter Benjamin, entre outros. Serão utilizados também artigos. As pesquisas se darão em periódicos e fontes de dados de renome, entre eles Scielo, Capes, Biblioteca Virtual Integrada, etc.

A pesquisa de ordem bibliográfica, segundo Gil (1987), é baseada em material já existente e se constitui principalmente por livros e artigos científicos. É importante mencionar a necessidade da busca deste material em fontes confiáveis para que o trabalho possa ter uma credibilidade apropriada.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Na pesquisa em questão se utilizou-se também da análise de recortes da telenovela Roque Santeiro, que se trata de uma fonte histórico-cultural de recursos audiovisuais, que caracteriza uma análise fílmica.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa aplicado a este trabalho é considerado qualitativo, pois compreende na revisão bibliográfica juntamente com a análise fílmica da telenovela Roque Santeiro.

#### 3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

### **3.2.1 Instrumentos**

Foram utilizados como instrumentos nesta pesquisa a análise fílmica de recortes da telenovela Roque Santeiro e a pesquisa bibliográfica de diversos meios, como livros, revistas, artigos, entre outros.

### **3.2.2 Procedimentos**

Ao utilizar a telenovela Roque Santeiro como instrumento desta pesquisa a telenovela Roque Santeiro e a pesquisa bibliográfica de diversos autores, utilizou-se como procedimento a análise e descrição destes materiais.

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao observar os mitos e histórias fantasiosas, por várias vezes nos confrontamos aparentemente com histórias simplórias e inocentes, que ao nosso olhar devem ter sido escritas para divertir e entreter as crianças desde os seus primórdios.

A realidade quando se tratam destes gêneros é bem diferente. Os contos de fadas por exemplo, passaram de histórias adultas terríveis aos olhos atuais, para histórias doces que ninam crianças. Tudo isso se deve principalmente a mudança de interesses da sociedade e a comercialização destas histórias.

Os mitos gregos ou romanos deixaram talvez de serem explicações para fenômenos naturais ou modificados pelo homem, tornando-se apenas histórias lúdicas. Ainda assim, os mitos continuam a existir para explicar outras vontades, medos e angústias que a ciência ainda não é capaz de saciar.

Ainda que diferentes, tanto as histórias e mitos antigos, quanto as novelas apresentadas atualmente – sobretudo Roque Santeiro – existe um ponto em comum em todas elas bastante importante: a construção mítica fantasiosa que a permeia. Essa construção mítica, acrescida de suas consequências na sociedade é o ponto chave desta pesquisa, pois entender como e por que acontecem o tecer destes, e o seu desenrolar nos diversos grupos sociais, permite que possamos refletir nossas ações, os fatos políticos atuais e toda a dinâmica social existente.

Quando pensamos o poder exercido pelo mito ou histórias fantasiosas, não podemos deixar de citar o terror causado pelos vários “fins do mundo” que foram anunciados pela mídia em vários lugares.

O mais recente foi o previsto para o ano de 2012, em que segundo Daniels (2016, p. 84), “várias pessoas ficaram empolgadas com a profecia maia de que o mundo acabaria”.

Apesar de ser anunciado com um tom um tanto burlesco<sup>21</sup>, percebia certa tensão por conta do mito. Outro fato a ser observado neste acontecimento, é a importância da internet para que tudo isso se propagasse, começando com boatos de uma falsa interpretação do calendário Maia.

A história ilustra o extremo poder dos mitos e das fabulações. Mesmo aqueles que fizeram piadas com o fim do mundo ainda exibiam um olhar

---

<sup>21</sup> Cômico, relativo ao ridículo.

inquieto [...] demonstraram quão longe ainda estamos de compreender o mundo ao nosso redor – e quão prontamente nos apegamos a qualquer história elaborada que tente compreendê-lo.  
(DANIELS, 2016, p. 85-87)

Segundo Alexandre e Fernandes (2006), o poder se resume a forçar alguém a fazer algo que não é de sua inteira vontade e que se fosse preferiria não fazer, mesmo que isso se dê de maneira que a pessoa não perceba a influência de outrem contra si. E de maneira geral é isso o que acontece com os mitos e histórias, eles exercem poder sobre os indivíduos sem que eles nem mesmos percebam-na.

A importância da internet como mídia, citada a pouco, e da imprensa como um todo, reduziram o esforço para o alcance deste poder, na medida que “a imprensa passou a ser um instrumento nas mãos do poder” e para a obtenção do mesmo. (ALEXANDRE; FERNANDES, 2006, p. 02)

Segundo Menezes (2007, p. 04):

O cinema, o rádio e as revistas fazem parte de um sistema de cultura de massa que estimula a falsa identidade do universal e do particular, isto é, estabelece relações e diferentes níveis de interação sendo que no geral é interação mediada a quase-interação imediata. Essa cultura pode ser revolucionária ou opressora irá depender dos objetivos, compromissos políticos e econômicos em jogo, ou seja, a que grupo político pertence o meio de comunicação, salvo em alguns casos quando a empresa tem estreita vinculação a assuntos acadêmicos e culturais, através de conteúdos formacionais e informacionais.

Por tanto trazer uma certa crítica ao mito e aos Contos fantasiosos nesta pesquisa, é possível que se tenha a errônea ideia de que a fantasia não pode em hipótese alguma trazer um novo olhar a certos fatos. Isso se comprova quando levanta-se a história da alegoria da caverna<sup>22</sup> por exemplo, que tem forte apelo filosófico ao transmitir a questão da alienação.

O presente trabalho baseia-se ainda em outra obra que aponta esta visão distinta, oferecida pelas histórias fantasiosas e mitos, a telenovela Roque Santeiro (1985), que possui papel principal para a construção da pesquisa, pois trata realmente de como se formam os mitos, como estes influenciam a sociedade em que estão inseridos e ainda o retrato de pessoas que superaram a ideia do mito.

---

<sup>22</sup> O mito ou alegoria da caverna criado pelo filósofo Platão, consistia na história de pessoas que viviam dentro de uma caverna que só enxergavam as sombras projetadas na parede, o que os aterrorizava, imaginavam como era lá fora, mas não tinham coragem de sair, até que em um dado momento um componente da caverna se rebela e sai, percebendo que a vida era mais bonita no seu exterior e não havia motivos para temer. Esta história aborda a ignorância das pessoas, que precisam sair de sua zona de conforto (sua caverna) para olhar o mundo real.

Com uma temática fortemente política, social e de esquerda, em um contexto pós ditadura militar, seu roteiro faz pensar. Em diversos momentos mensagens um tanto subliminares emergem das imagens da telenovela, como por exemplo no quadro 1, apresentado neste trabalho, em que aos fundos, quase despercebida, aparece a frase “aqui jaz a ditadura”. (ROQUE SANTEIRO, Cap. 70, 1985)

A mídia funciona através do uso de mecanismos cognitivos, onde o cotidiano se torna elemento definidor da condução, incorporação e repertório que alimentam suas programações diárias, fazendo com que o telespectador se identifique com seu conteúdo, legitimando-o através de um processo de enquadramento em que o telespectador se vê contemplado com as imagens e a fala.  
(MENEZES, 2007, p. 05)

Um ponto relevante apresentado na telenovela é a força do mito. Trata-se de uma força tão surpreendente a ponto das pessoas tornarem-se dependentes do mito. Esta questão é bastante pertinente, pois os mitos fazem com que o olhar se cegue e se dependa do mito, tanto no quesito da crença, quanto no quesito financeiro. A manutenção deste mito faz com que cada geração, assumo-o sem quaisquer reflexões, propagando assim a sua fama.

Na forma real podemos afirmar a dependência do mito em muitos casos, mas um dos mais recentes é o caso do médium João de Deus<sup>23</sup>, que atraía pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo a pequena cidade goiana de Abadiânia, prometendo cura. (ROCHA, 2015)

No começo de 2019, João de Deus foi acusado por várias mulheres de estupro, o Ministério Público acatou as acusações que começaram a serem investigadas e levaram a prisão do médium. (VEJA, 2019)

Mas o fato de maior importância a este trabalho não é o da construção do mito João de Deus, mas sim o resultado do desmonte do mito. Após a prisão do médium Abadiânia virou uma “cidade fantasma”. Segundo o jornal O Globo (2019), as vendas existentes no comércio da cidade caíram cerca de 90% após as acusações feitas ao dono da Casa espírita Dom Inácio de Loyola. Ainda segundo o jornal “dois restaurantes e ao menos seis pousadas fecharam as portas na última semana, na mesma avenida” (O GLOBO, 2019). O jornal ainda traz um dado bastante interessante: “O fluxo de fiéis caiu de forma abrupta: de uma média de 6 mil

---

<sup>23</sup> João de Deus é um médium curador espírita, que realizaria muitas curas de forma espiritual. As operações podem ser visíveis, isto é, com o auxílio de pequenos bisturis, ou invisíveis, com a intervenção da imposição das mãos.

visitantes por semana para cerca de mil, segundo os registros da própria Casa de Dom Inácio” (O GLOBO, 2019).

É possível afirmar que esta cidade vivia do milagre, da construção do mito, e isso vai muito além da parte financeira, provoca verdadeiramente toda uma nova dinâmica social.

É comum que desde a antiguidade as pessoas se agarrem aos seus mitos como forma de consolo e desculpa, como visto neste trabalho na primeira seção do referencial teórico, no qual é citado o conto fantasioso e de fadas como uma forma de socorro as agruras diárias, divertindo, mas acomodando e explicando a acomodação como algo normal.

Roque Santeiro traz consigo um abrir de olhos para a acomodação. Ao explanar o mito, os autores explanam também a dependência que ele traz – sobretudo a população mais pobre – como forma de se agarrar a algo impalpável, acreditando que tudo se resolverá como mágica, sem que haja ações efetivas. Pode-se associar a ideia de se agarrar ao mito ao ‘*coitadismo*’<sup>24</sup> e até mesmo do paternalismo político, pois todas estas são formas de se esperar algo, sem que aconteçam ações para que o que se espera aconteça.

Mais dependentes de iniciativas governamentais, os brasileiros pobres acreditam que cabe ao Estado intervir mais na economia e na vida dos indivíduos. O que não é difícil de entender: baixos níveis de escolaridade resultam em renda mais baixa; e renda mais baixa leva a um sentimento de incapacidade e impotência. Essa situação de carência em que vivem os leva a considerar o Estado uma espécie de “grande pai protetor” [...]  
(ALMEIDA, 2007, p. 179)

Quando pensamos na formação do indivíduo enquanto escola temos em mente um ser autônomo de ações e pensamentos, crítico e dono do seu próprio destino. Mas será que este é o ser humano que a sociedade forma?

A resposta sem sombra de dúvidas é majoritariamente negativa. Manipulados por uma mídia envenenadora, reféns de problemas sociais e baixo nível de reflexão, os jovens brasileiros, sobretudo os mais pobres, encontram-se em uma situação difícil e necessária de mudança.

Isso acontece segundo Castells (1999), como citado no referencial, porque vivemos em uma sociedade em rede, da qual é praticamente impossível esquivar-se. Essa talvez seja a resposta ao fato de por vezes acharmos que a internet e suas redes sociais adivinham o nosso pensamento, nos colocando frente a frente com

---

<sup>24</sup> Significa ter pena de si mesmo.

algo que pensamos durante o dia, porque tudo está interligado, todas as nossas informações são colocadas lado a lado uma com a outra, formando assim nosso perfil pessoal.

Ainda que invisível, essa sociedade interligada em rede que caminha para objetivos específicos, ela é capaz de formar gostos e vontades, padrões de beleza, e faz com que eles pareçam tão naturais quanto a luz do dia. É por isso que é impossível perceber a sua ação sem um olhar crítico e que esta sociedade conexa tem tanto poder sobre a sociedade, atingindo principalmente a população com menos acessibilidade ao conhecimento formal de qualidade (CASTELLS, 1999).

Desde os tempos mais antigos o homem contou histórias. Histórias verdadeiras e histórias dotadas de fantasia. Além de fantasia, estas histórias sempre foram dotadas de mensagens subliminares, como por exemplo as morais existentes nos Contos de Fadas e Maravilhosos, ou no caso de Roque Santeiro, com seu enredo progressista e suas imagens quase despercebidas de frases contra a ditadura militar. Muitas vezes estas histórias chegam aos livros, como no capítulo 103 de Roque Santeiro, no momento em que Mocinha em seu reencontro com Roque, ao saber da real história acontecida, fala que ele deveria escrever um livro sobre o mito do Roque Santeiro e este em capítulos mais adiante escreve um dossiê contando a real história de Asa Branca. O resultado obtido por cada uma destas histórias, em livros, mídias ou oralmente, mesmo que em contextos completamente diversos, é praticamente o mesmo: a manutenção do poder centralizado na mão de poucos. Em poucas ou vezes quase inexistentes o resultado se faz diferente, como o visto na telenovela Roque Santeiro, em que se tinha por objetivo um abrir o olhar e a mente. Inquestionavelmente, ainda que com objetivos bastante diferentes, existe um laço entre uma ou outra história: elas buscam mais que entreter.

Quando pensamos na telenovela Roque Santeiro, vemos muito mais que uma história, vemos histórias dentro da história. Tudo isso torna sua análise bastante complexa, pois tem-se a história da luta de classes, mas também a história do mito dentro de outra história, como pode ser observado no filme que é rodado no enredo, contando a saga de Roque Santeiro inventada por Sinhôzinho e Porcina.

Um ponto bastante interessante quando tratamos do filme existente dentro da telenovela, é o fato de que nem todos que faziam o filme acreditavam fielmente no mito. Isso se deixa transparecer em diversas passagens, mas é citado no referencial deste trabalho no Capítulo 98, em que Roberto Matias afirma duvidar da real



existência de Roque e o compara a um conto de fadas. Essa consideração é importante, pois faz perceber que o fato de estar de fora da imersão do mito em que um determinado grupo se encontra, faz com que o indivíduo possa perceber os fatos com mais clareza.

Uma “deixa” bastante relevante para uma possível resolução do problema deste trabalho na novela Roque Santeiro é a ideia mencionada várias vezes de que o mito impede Asa branca de crescer intelectualmente. A esperança no mito, agarrada a problemas sociais, faz com que as pessoas não enxerguem por muitas vezes a verdade. O documentário “Pobreza no Brasil” exibido pela TV Brasil, no Caminhos da Reportagem no ano de 2012, apresenta como referência repetitiva pelas pessoas mais pobres as expressões: “Deus quis assim”, “Vamos vivendo como Deus quer”, “Amanhã Deus é que vai dar para gente”, entre outras. Ainda deixa-se claro aqui, que ao mencionar estas falas não estamos criticando a religião e a fé das pessoas, mas sim fazendo reflexões à cerca do comodismo e da esperança em algo vazio.

Almeida (2007, p. 114), descreve as pessoas que se acomodam a sombra do divino como fatalistas, que seriam pessoas que acreditam “que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para mão humana”. É importante ainda mencionar aqui um dado significativo, que atrela o fatalismo a pobreza extrema:

Os dados mostram que o fatalismo do brasileiro é mais forte nas regiões Norte e Nordeste e mais fraco no Sudeste e no Sul. No Sul, apenas 26% da população acreditam que todo o destino está nas mãos de Deus. Essa proporção contrasta bastante com os 40% da região Nordeste e os 42% do Norte do país (ALMEIDA, p.117).

Sabendo que a região Norte do país e sobretudo a Nordeste são as que possuem um maior percentual de pessoas na linha da miséria, como mencionado no documentário citado a cima, chegamos a resposta de que os mitos juntamente com a falta de recursos, são responsáveis pela acomodação do indivíduo frente as suas dificuldades.

Assim como os mitos reais, os mitos fantasiosos têm seu poder sobre as pessoas. Verdadeiramente os mitos criados pela mídia, vistos como reais, se alastram de modo a colocar medo, como visto no falso “fim do mundo” de 2012, ou manipular a fé, como o sensacionalismo sobre milagres. Os fantasiosos por sua vez, não ficam para trás, o mundo das novelas, sobretudo as ‘Globais’, ainda é um forte campo de manipulação, pois dita padrões de vida, beleza e comportamento. Isso fica

bastante claro no que diz respeito ao vestuário e corte de cabelo das pessoas. É comum encontrarmos lojas que estão vendendo o vestido de uma ou outra personagem, salões de beleza que se espelham nos cortes de cabelo de uma ou outra atriz.

Roque Santeiro vem a mídia contrário a essa leva de alienação, traz consigo uma ideologia política de esquerda, procurando induzir o telespectador a pensar sobre o que estavam vivendo em sua realidade. A pequena análise realizada neste trabalho sobre a telenovela, traz consigo uma ideia de alguns fatos que a tornam reflexiva, em que um homem supera o mito.

Talvez a intenção dos autores teria sido justamente fazer uma sátira sobre o mito, mostrando que nem sempre ele é real e que na maioria das vezes é apenas uma história. No momento da novela em que Roque vence o mito que existia sobre ele, é quebrado todos os parâmetros da sociedade de Asa Branca, formando então todo um novo modo de pensar (VEJA, 2011).

Esse novo modo de pensar não é, pois, o ideal da educação crítica? Talvez o que a escola e a sociedade no geral, como formadora do indivíduo, necessite quebrar seus próprios mitos, que a impedem de ampliar seus horizontes e como na alegoria da caverna, a fazem ver somente o que querem que ela veja, seja no campo político, social ou cultural.

A Pedagogia, assim como Roque Santeiro, traz consigo a necessidade de se olhar para a sociedade além do(s) mito(s), analisando suas entrelinhas, suas intencionalidades e mantendo sempre a dúvida, pois é estes questionamentos que formam um indivíduo capaz de refletir sobre o que lhe é imposto como verdade.

É necessário que se deixe bem claro as considerações alcançadas com esta pesquisa. Roque Santeiro, assim como os demais entretenimentos possuem consigo ideais. Ideais estes, que podem ser passados explicitamente ou implicitamente. No caso da telenovela, observam-se deixas explícitas, como a existência de uma luta de classes e um teor político; e marcas implícitas, como as frases deixadas nos muros pedindo eleições diretas e comemorando o fim da ditadura, por exemplo.

Isto acontece não tão somente com Roque Santeiro, mas sim com todas as histórias, elas não são apenas obras para diversão alienadas do resto da sociedade, exprimem em si valores, visões, ideais.

No caso das telenovelas, notícias explanadas pela mídia, construções míticas realizadas por meio de slogans e imagens, é ganho um reforço a mais na absorção

destes padrões apresentados. Isso ocorre, segundo Benjamin (2017) por conta da imagem, que é lida, fixada e transmitida mais rapidamente entre pessoas, por uma sociedade altamente interligada entre si, uma “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999).

Achegam-se como consequências da construção mítica, tanto real, quanto fictícia, o apego único e exclusivo aquele mito, ocasionando a recusa de se pensar sobre, agir sobre um evento; a falta de reflexão, entendendo a existência de verdades absolutas e acabadas; a perpetuação do mito por gerações, sem quaisquer tipos de questionamentos;

Pensando toda essa formação mítica a que somos submetidos diariamente e as consequências já citadas neste trabalho, a educação vem com uma arma reflexiva, não para que se tragam valores acabados, mas sim, que se pense sobre o mundo que nos rodeia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como escrito na fundamentação teórica desta pesquisa, tanto os contos de fadas, como os mitos possuíam interesses bastante definidos. Ao estudar as histórias fantasiosas percebe-se que elas mudaram bastante ao longo dos tempos. Os Contos de fadas por exemplo, nasceram como histórias dotadas de cunho sexual e violento e com o interesse de trazer o medo, controlar a plebe e manter comportamentos, e se transformaram em histórias vendáveis e doces para crianças, visando encantar e trazendo um olhar de mundo perfeito.

Isso acontece, porque cada história é condicionada a uma determinada função e interesse no contexto em que está inserida, ou seja, os contos de fadas nasceram daquela forma, porque eram interessantes a quem estava no poder e 'adocicaram-se' porque se tornaram vendáveis e porque a concepção de infância mudou ao longo do tempo. Em vista disso, é correto afirmar que cada história obedece os interesses e necessidades das pessoas do seu contexto, adaptando-se segundo a necessidade de seus dominantes.

As histórias fantasiosas abordadas neste estudo mostraram que não nasceram com a função de ser apenas histórias. Os contos de fadas não foram feitos em um primeiro momento para crianças, os mitos continham explicações do mundo natural que não eram conhecidas na sua forma científica e posteriormente as novelas surgiram com determinados interesses.

O que é possível afirmar é que em todos esses tipos de histórias existia um interesse determinado. Os mitos e os contos de fadas, traziam medo e ideais morais da época em que surgiram. As novelas, apesar de não trazerem o medo como arma, tem um forte poder manipulativo, pois trazem mensagens explícitas ou subliminares que entram disfarçadas de simples entretenimento na vida das pessoas.

Os autores da telenovela Roque Santeiro, trazem além de um entretenimento, em uma telenovela bastante divertida e pitoresca, mensagens explícitas e implícitas de uma ideologia política de esquerda, avessa ao cenário político existente a pouco naquela época, de ditadura militar.

A luta de classes apresentada na trama, a revelação de falcatruas dos personagens que detinham o poder, a descrença e desconstrução do mito, entre

outros elementos, revelam basicamente um olhar Marxista<sup>25</sup> e materialista.

Além da mensagem explícita apresentado no enredo da telenovela, os autores utilizaram de outra forma para comunicarem o que queriam, isso é observado nas imagens, como os muros pichados com mensagens que comemoram o fim da ditadura militar ou pedem eleições diretas.

O último objetivo a ser alcançado por esta pesquisa, consiste em entender as razões que levam a criação dos mitos reais ainda nos dias atuais. Esta resposta vem de encontro com a questão apresentada nos resultados, de que a miséria junta a falta de reflexão empoderam a existência e criação dos mitos reais, que por sua vez perpetuam a miséria e a falta de reflexão, formando assim um ciclo vicioso, difícil de ser rompido.

A miséria neste contexto, é a material sim, mas também por vezes uma miséria intelectual, que não raramente é observada nas elites. Tanto nos mitos reais quanto fantasiosos o que prevalesse é a necessidade de encontrar uma explicação ou um deus, alguém que venha para melhorar e mudar tudo, um redentor. Deste pensamento se cria a ideia do paternalismo<sup>26</sup>, que posteriormente se traduz em compra de votos, em acomodação e em mais miséria, formando verdadeiramente um ciclo.

Os percalços encontrados na pesquisa deste trabalho, se reportam a sua grande abrangência, necessitando de uma pesquisa histórica, de diversos autores, para que fosse traçado o caminho dos mitos e histórias até chegar a Roque Santeiro que o objeto central desta investigação.

Como últimas considerações apresentam-se a necessidade percebida com a pesquisa, da escola como lugar formativo e informativo, de trazer a tona assuntos reais e atuais para uma reflexão conjunta e individual que permita uma mudança real de pensamentos, não matando os mitos, mas resignificando-os, de maneira a perceber com mais fidelidade o contexto em que vivem e o seguirem de ações para que este seja melhorado a cada dia.

---

<sup>25</sup> Corrente sociológica e filosófica que tem como base as teorias de Karl Marx, e discorre entre outros assuntos, a existência da luta de classes e da materialidade do mundo. Esta corrente orienta o comunismo e socialismo.

<sup>26</sup> O paternalismo é a forma de ver os políticos como pais e provedores, com a obrigação de prestarem favores ao indivíduo, sem pensar no coletivo.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos; FERNANDES, Renata. O poder está na mídia. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, p.145-168, jun. 2006.
- ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&pm, 2017. 167 p. Tradução de Gabriel Valladão; organização de Márcio Seligmann-Silva.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: <<https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf> >. Acesso em: 17 dezembro 2019.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai leskov**. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1980.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: EAZXA Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição ecumênica.
- BISSACO, Cristiane Magalhães. As novelas de cavalaria e o importante papel designado a Cervantes como o autor que melhor contextualizou uma época. **Letra Magna: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**, São Paulo, v. 1, n. 10, p.1-11, 2005. Semestral. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/novelacavalaria.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- BRASIL. Serviço Público Federal, Ofício sem número, 26/8/1975.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis**. Tradução: David Jardim Júnior. 1. Ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fada influenciam nossas vidas/ Sheldon Cashdan; tradução Maurette Brandt**. – Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORREIA, Joana Paula Pereira. Maniqueísmo: Religião, seita, ou heresia? In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal. 2013. p. 01 - 13. Disponível em:

<[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371264028\\_ARQUIVO\\_ArtigoAnpuhNatal.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371264028_ARQUIVO_ArtigoAnpuhNatal.pdf)>. Acesso em: 25 maio 2019.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ESPINAL, Luis. **Consciência crítica diante do cinema**. São Paulo: Lic, 1976. 178 p. Tradução e revisão de Sônia Maria de Amorim.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Walt Disney**. 2014. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/walt\\_disney/](https://www.ebiografia.com/walt_disney/)>. Acesso em: 25 maio 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GABLER, Neal. **Walt Disney, o Triunfo da Imaginação Americana**. São Paulo: Novo Século, 2016.

GALHARDI, Claudia; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Oferta de programação da Rede Globo de Televisão em face de audiência infantojuvenil: estudo empírico**. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/2018nahead/1807-5762-icse-1807-576220170499.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GRIMM, Jacob & Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis & domésticos**: [1812 - 1815]. São Paulo: Editora 34, 2018. Tradução de Christine Röhring; Posfácio de Marcus Mazzari.

GOMES, Dias. **A fabulosa estória de Roque Santeiro e sua fogaosa viúva**: A que era sem nunca ter sido. 1975. Disponível em: <<http://marciliomoraes.com.br/wp-content/uploads/1985/10/Sinopse-original-RS.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Isabelly Cristiany Chaves; AZEVEDO, Jean de Medeiros. **A ideologia da salvação na construção da imagem pública de Jair Messias Bolsonaro**. 4. ed. Campina Grande: Realize, 2017. 10 p. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/trabalhos/TRABALHO\\_EV066\\_M D1\\_SA19\\_ID703\\_16022017093329.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/trabalhos/TRABALHO_EV066_M D1_SA19_ID703_16022017093329.pdf)>. Acesso em: 19 maio 2019.

MACHADO, Daniele Toledo. **Onde moram as fadas?**: Da origem à permanência no imaginário infantil. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2012. 47 p.

MATTOS, Laura Soares Quintas. **“Roque Santeiro” e a ditadura militar brasileira em três atos**: A política por trás das telas. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2016.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues; REIS, Gláucia Mariana. **Os contos de fada e sua contextualização**: os clássicos e a indústria cultural. v. 27/28. Porto Alegre. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/viewFile/43945/38175>>. Acesso em :20 outubro 2019.

MENEZES, Suzaneide Ferreira da Silva. A mídia televisiva e seus impactos na formação de opinião e na comunicação entre as pessoas. In: Jornada internacional de políticas públicas questão social e desenvolvimento no século XXI - UFMA, 3., 2007, São Luís.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: hucitec, 2008.

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

O GLOBO: **Após denúncias de abuso sexual e prisão de João de Deus, Abadiânia vira 'cidade-fantasma'**. 05 jan. 2019. Por Patrik Camporez. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/apos-denuncias-de-abuso-sexual-prisao-de-joao-de-deus-abadiania-vira-cidade-fantasma-23348165>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

POBREZA no Brasil - Caminhos da Reportagem. [s.i]: Tv Brasil, 2012. 1 (53 min.), P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkEYL7L4tul>>. Acesso em: 01 set. 2019.

REBOUÇAS, Roberta de Almeida e. **Telenovela, historia, curiosidades e sua função social** In: Encontro nacional de história da mídia: Mídia alternativa e alternativas midiáticas, 7., 2009, Fortaleza. 2009.

ROCHA, Cristina. A globalização da cura espírita Biomedicina: João de Deus e seus seguidores australianos. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 27, n. 01, p.95-115, 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v27n1/0103-2070-ts-27-01-00095.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ROQUE Santeiro Cap 1. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (43 min.), son., color. Adaptado por Teco Oliveira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aQ9eJBPmm-k>>. Acesso em: 21 maio 2019.

ROQUE Santeiro Cap 13. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (43 min.), son., color. Adaptado por Teco Oliveira. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=b6\\_JFKTEIZw](https://www.youtube.com/watch?v=b6_JFKTEIZw)>. Acesso em: 21 maio 2019.



ROQUE Santeiro Cap 32. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (44 min.), son., color. Adaptado por Teco Oliveira. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-EWTmRF\\_H9w](https://www.youtube.com/watch?v=-EWTmRF_H9w)>. Acesso em: 21 maio 2019.

ROQUE Santeiro Cap 69. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (40 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LAq6d976tSY>>. Acesso em: 15 agosto 2019.

ROQUE Santeiro Cap 70. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (38 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GQfPLo-wNSY>>. Acesso em: 15 agosto 2019.

ROQUE Santeiro Cap 74. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (41 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5QJQDHcAYTQ>>. Acesso em: 25 agosto 2019.

ROQUE Santeiro Cap 76. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (40 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BNdZ2skbTv8&t=1895s>>. Acesso em: 25 agosto 2019.

ROQUE Santeiro Cap 91. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (42 min.), son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WI8L8gxzZ\\_A&t=1479s](https://www.youtube.com/watch?v=WI8L8gxzZ_A&t=1479s)>. Acesso em: 01 setembro 2019.

ROQUE Santeiro Cap 98. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (41 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JLwbvd8uvmE&t=557s>>. Acesso em: 11 setembro 2019.

ROQUE Santeiro Cap 103. Direção de Gonzaga Blota. Roteiro: Dias Gomes; Aguinaldo Silva. 1985. 1 (41 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o42yS6WcQZE>>. Acesso em: 15 setembro 2019.

SABADIN, Celso. **A história do cinema para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2019. 200 p.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. 149 p.

SILVA-REIS, Dennys. **A literatura no rádio e na televisão: a literatura no rádio e na televisão**. 2018. 70 f. Curso de Língua Aplicada, Unb - Universidade de Brasília, Campinas, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v57n1/0103-1813-tla-57-01-0049.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

TATAR, Maria. **Contos de fadas: Edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

UFSC. **Mecanismo Online para referências.** Disponível em: <[www.more.ufsc.br/](http://www.more.ufsc.br/)>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

**Um herói impróprio para as 20 h. “Roque Santeiro” enfrenta a censura. E não estréia hoje.** Jornal da Tarde, 27/8/1975, p.19 [matéria não assinada]

**VEJA: João de Deus é denunciado por estupro de vulnerável de seis mulheres.** Abril, 28 maio 2019. Por Giovanna Romano. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/joao-de-deus-e-denunciado-por-estupro-de-vulneravel-de-seis-mulheres/>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

VEJA. **O milagre de ‘Roque Santeiro’:** Novela de Dias Gomes e Aguinaldo Silva mesmerizou o país nos anos 1980. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reveja/como-roque-santeiro-alcancou-a-maior-audiencia-da-historia/>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

VEJA. **‘Roque Santeiro’ é escolhida para o lugar de ‘Vale Tudo’:** Hit do canal Viva. 2011. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/entretenimento/roque-santeiro-e-escolhida-para-o-lugar-de-vale-tudo-hit-do-canal-viva/> >. Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

## GLOSSÁRIO

**Abrupta** – Repentina;

**Alienação** – Indiferença aos problemas da realidade.

**Aludidas** – Mencionadas.

**Canibais** - Todo ser humano que faz consumo de carne de outro ser humano.

**Censura**- O ato de reprimir um ato ou meios de comunicação a divulgarem uma opinião contrária a apresentada por uma determinada ditadura, como acontece com a ditadura militar no Brasil.

**Doutrina** - Trata-se de um conjunto de ideias básicas, que são transmitidas a um determinado grupo.

**Épico** – Algo heroico, memorável, grandioso.

**Errônea** – Errada; desacertada;

**Fatalismo** – Ideal de que os acontecimentos são criados anteriormente pelo destino e não é possível muda-los.

**Ícone** – Pessoa ou coisa de destaque.

**Imaculada** – Sem qualquer vestígio de impureza.

**Latifundiário** – Proprietário de muitas terras.

**Simplórias** – Ingênuas; bobas.

**Teledramaturgia** – Conjunto de obras do teatro ou da televisão.

**Tenebroso** – Horrível; assustador.

**Utópica** – Fruto de sum sonho de um ideal, difícil de ser alcançado.

**Veracidade** – Verdadeiro; verdade;

## **ANEXO A**

### Sinopse de Roque Santeiro



